ANO 1.º LISBOA--SEXTA-FEIRA, 17 DE MARÇO DE 1922 N.º 29?

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECÇÃO
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

Emissarios intelectuais

Dois portugueses de categoria, convidados pela Residencia de Estudantes, foram a Madrid fazer conferencias, conseguindo, pela dupla acção da sua palavra e da sua presença, provocar, em tôrno do nome de Portugal, um movimento de simpatia que até hoje ainda não foi igualado pelos esforços da nossa politica.

Referimo-nos aos srs. Leonardo Coimbra e Eugenio de Castro, que souberam honrar a sua Patria, falando directamente aos valores nobres do povo espanhol—o primeiro colocando-se no campo das ideias filosoficas para mostrar que a nossa raça, apesar de certas pseudo-caracteristicas irredutiveis que lhe assinalam, é capaz de marcar o seu logar, entre os interpretes das grandes harmonias do universo; o segundo, poeta sem igual para submeter ao ritmo e á emoção os sonhos mais belos da sua musa, rica de pedrarias e de vestes de purpura e ouro, ocupando-se de Castilho para o erguer, diante de estranhos, á altura que o seu genio exige, não obstante a feroz critica de que tem sido alvo, entre nós.

Os nossos melhores embaixadores, junto da sciencia, da arte, da literatura e da filosofia espanholas não podiam ser mais bem escolhidos. Leonardo Coimbra e Eugenio de Castro representam Portugal, sem outras credenciais que não sejam as que lhe concedem os méritos altos da sua obra. São lidos e admirados, o que é mais que suficiente para que com eles ande sempre a honra do nosso nome.

Os seus livros encontram lá o mesmo fervor carinhoso com que são lidos os de Antero de Quental, Oliveira Martins, Eça de Queiroz, Camilo e Teofilo Braga.

Importa-nos muito activar o inter-cambio entre os dois povos.

Sabemos que outros convites vão ser dirigidos a intelectuais portugueses.

Nós, porém, temos de corresponder a gentilezas tais.

Quem vai encarregar-se de trazer a Lisboa, Porto e Coimbra os homens ilustres da Espanha?

Já pensou nisto o sr. ministro da Instrução?

Desenho de Bagaria

EUGENIO DE CASTRO

lendo a sua conferencia no Ateneu de Madrid

O JORNAL *O Tempo* ocupa um logar bem distinto na imprensa portuguesa—o de apontar á execração publica uns tantos individuos, que acusa de causadores da nossa miséria ou de perturbadores da paz social.

Vareja conjuntamente os agitadores operarios, que ele exige que sejam deportados para Timor, sem bilhete de ida e volta, e uns tantos banqueiros e homens de negocios, que quere amedrontar com a sombra do *Dente de Ouro* e dos seus sinistros companheiros. Diz que, por proceder assim, defende a moral.

Invoca a justiça, para que esta passe ao capitulo das sanções e encarcere os que ele declara criminosos, se tiver força para tanto, porque, no caso contrario, a furia das multidões, espicaçada pelo *Tempo*, fará uma limpeza digna da *noite tragica*.

Nunca se viu uma ira tão brava!

Embora tenhamos várias vezes ouvido falar da imprensa como um sacerdocio, não pensavamos que uma metafora tão feliz e propicia seria convertida por um jornalista em realidade tão infame.

Desde que alguns jornais começaram a indicar os nomes que tornaram possivel a confecção das listas negras, logo *O Tempo* percebeu que muitos beneficios poderia colher, espalhando o terror junto duns tantos portugueses com que ele embirra, por não atentarem na sua especial eloquencia. Veiu a noite em que mãos assassinas arrancaram as vidas inocentes de Machado Santos, Carlos da Maia, Antonio Granjo, Botelho de Vasconcelos e Gentil.

O Tempo calou-se por uns dias. Vendo, porém, que já não tinha meio de se aguentar silencioso, começou a sua obra de denuncia, pedindo encapotadamente a morte para os que deviam fazer crescer a sua tiragem.

Não sabemos se o conseguiu, mas consta-nos que a sua situação é prospera e que conta manter-se nela, pondo na sua taboleta o quadro de Proudhon — *A justiça perseguindo o crime*. É uma vocação que lhe deve render bons lucros.

Ficará algum dia salpicado com qualquer mancha de sangue?

O importante é viver, depois se verá o que aconselha a virtude e a dignidade do jornalista. Entretanto, podem ir ficando pendurados em candieiros os individuos cujo rasto ele anda seguindo, indicando-lhes as moradas, as suas idas e vindas, as suas fortunas, os seus supostos delitos e a sua teimosia em se não aterrarem. Leia-se este periodo: — «Se ámanhã, no explodir de uma tremenda colera popular, Pedro de Araujo, Sotto-Mayor, Antonio Vieira Pinto, e alguns outros da sua força, aparecessem dependurados nos braços dos candieiros, tinha-se, é certo, punido os mais scelerados criminosos dos nossos dias».

Crêmos que, em Portugal, nunca uma pena foi tanto além, na arte macabra de convidar ao crime, anonimo e colectivo. Dados os acontecimentos de Outubro e o estado de desorientação dum povo que facilmente se revolta, ninguem se atreveria a ter a triste coragem de *O Tempo*. Num momento em que todos os jornais tratam, no limite das suas forças, de conter odios e cubiças torvas, *O Tempo* não hesita em desfraldar a bandeira dos seus rancores, que vão desde a finança á manteiga, do Terreiro do Paço á Confederação Geral do Trabalho.

Ou a sua inteireza é muita ou o seu apetite é insaciavel!

Felizmente que os aplausos que colhe não são fartos. Os excessos da sua linguagem e as violencias da sua indignação suscitam reprovações e protestos. Noutra época, menos penosa, despertariam riso. O nosso colega *A Republica* já em dois excelentes artigos, embora sem dizer a quem se referia, se ocupou das campanhas infamantes de que são alvo os homens que, na nossa terra, trabalham e lutam contra a preguiça, a rotina e a calunia.

Honra lhe seja!

Pela nossa parte, estamos decididos a não tolerar que, com a cumplicidade do nosso silencio, deixemos que a moral morra ás mãos do *Tempo*.

* * *

POR informações que nos chegam, tudo leva a crer que o Governo não pensa voltar ao mercado a adquirir cambiais, como se tem feito ultimamente através de diferentes entidades bancarias, o que prova que o credito ou emprestimo agora conseguido é suficiente para as necessidades de momento.

Mais se diz que, a voltar de futuro ao mercado, o governo só o fará por intermedio do banco emissor, ou por concurso publico como se fazia em tempos idos.

Sobre esta ultima parte crê-se que brevemente haverá uma interpelação ao governo, feita por um deputado da oposição que solicitará nota das operações e entidades que intervieram nas compras de cambiais para o governo.

* * *

UMA americana de New-York respondeu com uma bofetada a um atrevido que lhe pediu um beijo.

—«Que me daria a senhora, se lhe pedisse uma bofetada?»

—«Dava-lhe um beijo, porque assim o senhor mostrava que era bastante inteligente para compreender que as mulheres fazem sempre o contrario do que pensam.»

* * *

ALÉM do sr. Armando Navarro, nosso consul em Paris, tambem nos consta que o sr. dr. Nuno Simões, ilustre director de *A Patria*, não se mostra muito entusiasmado com a sua ida a Genova, como delegado de Portugal.

* * *

É AOS esforços do sr. Teixeira Gomes, nosso ministro em Londres, que se deve a inclusão do nome de Portugal entre o dos países a quem o *Export Credit Department* abriria creditos para a compra de mercadorias.

* * *

NÃO seria agora ocasião oportuna para se entregar á moagem o abastecimento de trigo que tão exaustivamente atinge as finanças do Estado? Se vamos aproveitar os três milhões de libras na compra de cereais, continuaremos a agravar a nossa situação.

* * *

O SR. MINISTRO do Trabalho só na proxima semana apresentará ao Parlamento a sua proposta de lei sobre greves e outra sobre os bens das misericordias.

* * *

ESTÁ publicada a *Estatistica Geral dos Correios*, relativa ao ano de 1919.

Três partes

A Academia de Coimbra

Do sr. Mario Rodrigues Martins, presidente da direcção do Centro Academico de Democracia Cristã, de Coimbra, recebemos a seguinte carta:

Sr. director: — Afazeres escolares têm impedido que mais cedo nos ocupassemos de uma referencia que no seu brilhante «Diario» se faz ao nosso C. A. D. C.

Trata-se de uma carta que ante publicou em 9 do corrente o sr. Feliciano Fernandes, a proposito das varias manifestações politicas da Academia de Coimbra, e em que o seu signatario pregunta: — «Para que criaram o Centro Academico de Democracia Cristã? Foi para nelo estudarem questões religiosas, ou para poderem com maior segurança atacarem («sic») as instituições liberais e as leis da Republica como o tem feito?»...

...Tudo isto, sr. director, para desmentir «que não hajam («sic») em Coimbra centros monarquicos».

E' mais uma das varias insinuações que ultimamente se vem fazendo sobre a politica no C. A. D. C.; e, porque o «Diario de Lisboa» nos merece a melhor consideração, entendemos do nosso dever esclarecer perante v. e os seus leitores os pontos seguintes:

1.º O C. A. D. C. não foi criado por estudantes monarquicos nem por estudantes republicanos, mas sim, unicamente, por estudantes catolicos, que nele só têm agrupado para a sua melhor formação social e religiosa, independentemente de todas as inclinações politicas;

2.º O C. A. D. C. foi criado em 1901, como um posto de defesa da Igreja, então perseguida pelo Estado nas suas congregações religiosas, e como tal tem vivido, com organização e existencia legal, e sob a fiscalização das autoridades publicas, mas sempre em oposição a todas as correntes do liberalismo, quaisquer que sejam as côres que o mascarem.

3.º Por isso mesmo, todas as suas direcções têm tido o maior cuidado em não deixar confundir esta obra de defesa religiosa e formação social, com qualquer outros de caracter ou intuito politico.

Todos que por Coimbra têm passado nos ultimos vinte anos teriam podido verificar isto mesmo frequentando o C. A. D. C. e a vida dos estudantes catolicos de Coimbra.

Creia-nos, de v. etc. Pela direcção do C. A. D. C. O presidente, *Mario Rodrigues Martins*, do 5.º ano medico.

Para defeza propria?

A proposito do artigo com o titulo «Para defeza propria?», que publicámos ha dias, recebemos do sr. Manuel Dias Ferreira a seguinte carta:

Sr. director: — Veiu ontem o interessante jornal de v. alarmado com o facto de existirem — diz o articulista — 12.000 cidadãos legalmente armados, cujas licenças passadas com *facilidade* pelas administrações dos bairros *estão suscitando protestos dos funcionarios da policia.*

E' engraçada esta maneira de dizer.

A' insinuação tenho a opôr:

1.º As licenças são concedidas com tôdas as cautelas que a lei exige, isto é, com abonadores testemunhas e previa apresentação do cadastro policial;

2.º Se ha licenças na mão de individuos com *largo cadastro*, com isso nada têm as administrações; as repartições onde as respectivas folhas corridas são passadas é que podem explicar esse extranho caso;

3.º E' frequente os interessados, em virtude do incomodo e perda de tempo que as formalidades legais lhes acarretam, quando pretendem tirar licença, encarregarem agentes de policia para esse efeito, não sendo portanto admissivel que esses agentes as solicitem para cadastrados; se o fazem, mais uma vez ainda as administrações são alheias ao facto, não lhe cabendo qualquer sombra de responsabilidade;

4.º Não é verdade haver *licenças sem registo* ou *licenças falsas* passadas nas administrações dos bairros; tudo o que se disser a este respeito é pura fantasia e tendencioso;

Finalmente, o perigo não está em haver 12.000 cidadãos legalmente armados, pois que, com isso, só provam o seu espirito de ordem e de acatamento á lei. Não são esses, á certa, os perturbadores da paz social.

O perigo, e esse é que grande, está na legião de alcoolicos e indesejaveis cadastrados que, clandestinamente, usam armas, sem nenhuma garantia moral para isso, sempre predispostos ao crime, a todo o momento tentados a perturbar o socego publico. Não será assim?

Em tempo oportuno, e quando estiver restabelecido, o administrador do 2.º Bairro, sr. dr. Vasco de Vasconcelos, levantará esta questão, para explicar o mobil das atoardas que a este respeito aparecem, de vez em quando, na imprensa e esta acolhe de boa fé.

Agradecendo a inserção desta no seu brilhantissimo jornal.

Creia-me com a mais subida consideração.

De v. etc., *Manoel Dias Ferreira.*

A reunião dos Compositores

Acêrca duma noticia publicada anteontem no nosso colega *Correio da Manhã* e dum éco do *Diario de Lisboa*, os delegados do quadro tipografico do nosso jornal á reunião da Associação dos Compositores pedem-nos a publicação da seguinte carta:

Sr. Director. — O jornal de ontem, em que trabalhamos como tipografos, num *suelto* da primeira pagina dizia, certamente por êrro de informação, que os tipografos dos jornais diarios de Lisboa «resolveram não querer nada com a gréve geral.» Não é absolutamente veridica a afirmação, mas não é esta a mais importante do referido suelto que acrescenta, como palavras textuais do apresentante da moção em que definiram atitudes os quadros tipograficos, representados numa reunião por delegados especiais: «Que os apoiam os cocheiros e os *chauffeurs*, que foram os unicos a lucrar com a gréve dos electricos»... Não foram nem podiam ser proferidas semelhantes palavras. O que se fizeram foram afirmações justificativas da aludida moção, cuja doutrina, aliás, não foi verdadeiramente expressa numa local de um diario matutino de Lisboa.

Sem mais, agradecemos a v. a fineza da inserção destas linhas no *Diario de Lisboa*, e subscrevemo-nos — De v. etc. — *Ivo Duarte Costa, Joaquim Bizarro, Guilherme Xavier da Cunha* (Delegados especiais do quadro tipografico do *Diario da Lisboa*).

Ludovice, Limitada

Comissões e Consignações

Agentes de vendas para a provincia dos productos da Academia Scientifica de Belesa

R. da Madalena, 36, 2.º — Tel. C. 3379

Secção Fiscal

Pagamento de contribuições — Reclamações sobre todas as contribuições directas do Estado e das Camaras Municipais, incluindo as sobre avaliações de predios, sobre gremios industriais, cessação de industrias, etc., e respectivos recursos em todos os tribunais — Certidões em todas as repartições publicas — Recursos e mais actos sobre transgressões dos regulamentos fiscais, etc., etc.

SEGUNDA CARTA DO CORONEL GRANGER

O PROBLEMA DA COLONIZAÇÃO PORTUGUESA EM AFRICA

Razões determinantes das dificuldades de a climatação dos colonos

Sr. director — Se pois, não ha discrepancia ácerca da imprescindibilidade de pôr dique ao exodo da nossa reduzida população rural, a verdade tambem é que esta ultima, pela notoria modestia da sua bagagem tecnica e intelectual, está longe de se tornar recomendavel para a colonização das nossas duas grandes provincias ultramarinas.

Por emquanto o europeu, nas regiões intertropicais, deve ser, para com o seu capital intelectual, fiscalisar e dirigir o indigena, enquadra-lo e instrui-lo, tutela-lo e educa-lo. Assim se está já praticando em S. Tomé e Principe, assim tambem na Companhia do Assucar de Angola. Colonias agricolas de brancos, tão somente para plantas mais delicadas, com feição quimica afectando já o caracter industrial. Por forma alguma pode resultar salutar que o europeu se entregue, deante dos nativos, a trabalhos rudes que não sejam os de indole tecnica especial e em que o indigena não consegue eguala-lo.

Assim, teremos colonos já todos de craveira intelectual bastante para a obra de um primeiro grau de educação do negro: objecto imediato desta carta.

Em consequencia, o colono deve — e a isso tem jus — auferir remuneração que lhe faculte viver desafogado: — desafogo de condição, porém, que se traduza, a um tempo, em elevação de hierarquia social e em utilidade para a metropole, até mesmo, repito, pelo mesmo prestigio da raça.

Até a luz está sendo acusada; a mesma luz do astro rei incriminada por môr das suas irradiações curtas, actinicas, como particularmente perigosas, sobretudo para as brancas de loura cabeleira.

E verdade é, tambem, que a propria rêde de arame, recomendada pelo projecto de *A Victoria* e que tão salutar tem provado contra os mosquitos, essa mesma pode tornar-se em fonte de opressão constante para o nosso areano-semita espirito de saudosismo. A quem trabalha sob varanda protegida, ou se abriga em quarto vedado por aquela rêde, invade-o sensação do sombrio abalo que se sofre ao visitar uma soturna celula terrea de Penitenciaria. O arejamento, coado pela rêde e assim atrofiado, mutilado, dá a impressão de que por certo não poderá já ir lavar por completo o interior da habitação. A luz do dia, filtrada através da rêde, resulta apagada e fria, estiolante e triste; e nela não mergulham já á vontade os olhos peninsulares creados sob as alvoradas da serra, afeitos aos menos impertinentes quanto me convença de que a verdade é que nós, — não me excluo —, vamos abalando até terras de Africa em descuidosa má preparação, alguma vez dando logar a processos de resultados contraproducentes; sendo de explicar boa parte do nosso atrazo colonial, até ao insucesso, por uma errada acção atinente á cultura do indigena. Que ainda neste campo, bem como para a agricola, doutrina o distincto publicista colonial sr. Carvalho de Almeida: — «é mais facil conservar a fortilisação num terreno de cultura, do que restitui-la depois de exgotada».

Razões estas, a corroborarem tambem quanto importa coordenar as iniciativas do colono nacional, como um primeiro passo de convergencia para o funcionamento geral patriotico e produtivo do organismo economico ultramarino.

Quanto á anormalidade de condições e aos duros labores que o aguardam e aos inumeros diversos sacrificios a oblatar á mãe-patria, eles entraram já nos dominios do logar comum: — mesologia geral opressora; clima esgotante e perturbação radical de habitos; calor ardido e saudades da patria ausente; impaludismo á mistura com outras molestias infecciosas e tensão de espirito; carencia de meios de comunicação e outras privações; a falta de agua, a obra da civilisação se tornará indispensavel escorar-se por aquelas regiões ainda durante muitos anos.

Ora, para que do trabalho do europeu ali resulte produção com reflexos rendosos para a economia do pais, a sua puramente primacional deve ser propriamente o indigena. «E' ao indigena que devem ser conferidas, quanto possivel, todas as funções inferiores e até mesmo alguma vez as de grau médio que não importem responsabilidades especiais e que não impliquem com os seus sentimentos e maneiras de vêr e compreender. O colonisador é o Estado; mas o indigena é que, em ultima análise, é o verdadeiro colono, — avança o publicista J. Harmand, embaixador francês — (não já sem, bons vinte e seis anos depois de Oliveira Martins haver escrito: «o *colono* de Africa é o negro»). E' ele que representa os interesses gerais e permanentes do Estado. E, assim, o proprio interesse do nosso concessionario residirá, tambem, no interesse, na multiplicação, no redobrar de actividade dos indigenas.

Julgo estas considerações, tanto meios dias estivais da charneca, saudosas dos pôr-de-sol do nosso Atlantico septentrional.

Não faltam, porêm, exemplos a contrapôr ao quadro. Há compatriotas nossos que, durante a estação mais quente, se sentem como o peixe na agua. Para outros o precalço da sêde preocupa-os tanto como aquele professor de quimica que, ao enunciar as aplicações da agua, rematava: — «E tambem há quem a beba». Não faltam, ainda, exemplares de indemnidade contra o impaludismo por parte de conterraneos nossos: — ao que se explica, o *anophelis* vota-lhes menos que mediocre apreço. Alguns há que lêem e dormem, durante as viagens de *machilla*, como se se encontrassem na mais deliciosa poltrona do mais silencioso salão. E já agora não resisto a consignar como, ainda há poucos dias, coincidiu ter assistido ao embarque, de regresso á Beira, de dois provados africanistas, José de Magalhães e Leal Peixoto, pora os quais constitue grata distracção, diversão mais dilecta, a procura e o encontro do cavalo marinho ou do bufalo, do elefante ou do leão, por terras de Cheringoma e Gorongosa.

Não é, pois, de imbuir de pavor perante a crueza do quadro da inhospitalidade africana. Um justo meio termo acabo de o vêr definido em *A Patria*, de 5 do corrente, pelo sr. M. de Mesquita. A efectividade perniciosa, da repulsa da Africa equatorial pelo europeu, sofre notaveis gradações á medida do relativismo de compleição de cada um e não menos dos meios de defeza profilatica com que ampara a sua elasticidade estructural de adaptação. Mas nem por isso deixa de se manter a indispensabilidade do emprego do braço do negro como pedra angular para o nosso projecto colonial. — De v. etc. — *Coronel Granger.*

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

Condessa da Ponte, D. Maria Constancia Pinto de Queiroz Teles de Vasconcelos, D. Maria da Conceição de Meireles, D. Maria da Conceição da Cunha Mascarenhas, D. Maria Beatriz de Mendonça Grijão Henriques, D. Clara de Lima de Sousa Rego e D. Gabriela de Lancastre de Melo e Castro.

E os senhores:

Dr. José Gabriel Viana Pinto Coelho e Paulo Gabriel de Siqueira (S. Martinho).

Casamentos

Pela senhora D. Luzia Patricio de Fratel, esposa do sr. conselheiro Manuel de Fratel, foi pedida em casamento para seu filho Henrique, a senhora D. Maria Adelaide Van-Zeler de Castro Pereira, gentil filha da senhora D. Cecilia Van-Zeler de Castro Pereira e do sr. dr. Manuel de Castro Pereira, já falecido.

A caridade

Organizada pela ilustre pianista sr.ª D. Elisa Baptista de Sousa Pedrozo e com o concurso de musicos e outros elementos de valor, realisa-se nos primeiros dias de abril uma interessante festa de caridade, a que brevemente nos referimos mais detalhadamente.

Pontos de reunião

No Politeama

Assistencia elegante á festa artistica de Erico Bragá, com a primeira representação do novo original de Vitoriano Braga «A casaca encarnada», que ontem se realizou neste teatro:

Condessas de Fialho e de S. Miguel, D. Luiza Cabral Metelo Pinto Barreiros, D. Elvira Jara de Albuquerque de Orey, D. Emilia Cardoso Pedreira e filha D. Maria Margarida, D. Joaquina Cardoso Pereira, D. Laura Santana Galhardo, D. Maria Constança de Mendonça da Cunha e Costa (Picoas), D. Maria Isabel de Sousa Martins Braga, D. Flora Fernandes Tomaz de Sousa Rodrigues, D. Maria Augusta de Carvalho Morais e sobrinha, D. Suzana Aires de Castro, D. Aida Mourão Aires de Magalhães, D. Bela James Esteves da Fonseca, D. Zulmira Franco Teixeira, D. Helena de Melo e Costa da Camara, D. Arcelina Moreira dos Santos Medeiros, D. Gabriela Bandeira de Melo Lopes, D. Maria Calvet de Magalhães Cardoso de Albuquerque de Orey, D. Maria Inocencia Quelhas Sardinha Durão, D. Palmira da Costa e Silva, D. Maria Julieta da Costa e Silva de Neves Ferreira, D. Maria Sofia Cardoso Pedreira Dart Costa, D. Laura Covachich de Lima, D. Dalila Pereira Severim de Azevedo e filha D. Margarida, D. Carolina Teixeira Pereira, D. Adelia Moutinho, D. Maria Luiza Pereira Caldas, Braz Caldeira, D. Graziela Gomes, D. Eliza Batalha, D. Margarida Brandão, D. Madalena Cunha, madame Tavares de Carvalho, D. Alice Barcelos, D. Madalena da Cunha Barbosa Sotto Mayor Ricou, D. Ana Seixas Pereira Sarmento, madame de Orey, D. Margarida Alice Pereira, D. Maria Alvarenga de Castro e Quadros, D. Adelia e D. Eulalia Pereira, etc.

Agendo

Os pontos mundanos de «rendez-vous», amanhã á noite são em S. Carlos, estreia da companhia Berta Bivar-Alves da Cunha com a «première da peça «A Vida», original de Artur Cohen, e no cinema Condes, «soirée» da moda.

Teatro de S. Luiz

Concerto Aussenac — Viana da Mota

DOMINGO, 19 de março — (ás 3 horas da tarde) — audição de obras para dois pianos

PROGRAMA — 1.ª PARTE

I — «Sonata», em ré maior, **Mozart** — Alegro com spirito; Andante; Alegro molto.
1.º piano — Mademoiselle Aussenac.
2.º piano — Viana da Mota.

2.ª PARTE

II — «Preludio», em ré bemol, op. 66, **Alkan** — Transcrito do Piano com teclado de Pedal, para um Piano a 4 mãos, por Viana da Mota.
III — «Benedictus», **Alkan** — Transcrito do Piano com teclado de Pedal, para dois Pianos, por Viana da Mota.
1.º piano — Viana da Mota.
2.º piano — Mademoiselle Aussenac.
IV — «Scherzo», op. 87, **Saint-Saens**
1.º piano — Viana da Mota.
2.º piano — Mademoiselle Aussenac.

3.ª PARTE

V — «Variações», op. 46, **Schumann**
1.º piano — Mademoiselle Aussenac.
2.º piano — Viana da Mota.
VI — «Fantasia» sobre a opera «D. João», de Mozart, **Liszt**
1.º piano — Mademoiselle Aussenac.
2.º piano — Viana da Mota.

Piano Bechstein da casa Heliodoro de Oliveira
Piano Bluthner do Salão Mozart

BILHETES Á VENDA

VITAMINA

FERMENTOS indispensaveis á vida

Alimento biologico completo

Especifico do crescimento da criança

DEPOSITARIOS

ALVARO CAMPOS, LIMITADA

LISBOA — 103, Rua Garrett
PORTO — 90, Rua Sá da Bandeira

Gama

GRANDE VARIEDADE DE BILHETES, FRACÇÕES E CAUTELAS para todas as

LOTERIAS

Fornece para revender

PREÇOS CORRENTES

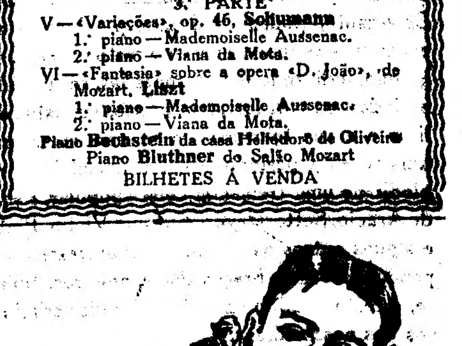
Pelo correio mais $15 para registo

Telefone: 1:020 — CENTRAL

Pedidos a

F. SILVA GAMA

R. do Amparo, 51 — LISBOA



— Será preciso gritar-lhe ao ouvido que o UROL é o maior dissolvente do ácido úrico?

Cura: o REUMATISMO, ARTRITISMO, GOTA, OBESIDADE, etc.

FARMÁCIA FORMOSINHO:

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 18

TEATRO CHIADO TERRASSE

HOJE O extraordinario exito HOJE

O Rei dos Gatunos

Peça policial

TEATRO SALÃO FOZ
Empreza Artur Emauz
Companhia Otelo de Carvalho
A lindissima revista propria para familias

GIGA-JOGA

Suspensas as entradas de favor

HOJE HOJE

AVENIDA

Festa de ARTUR MOTTA — (camaroteiro deste teatro)

João Ratão

AMANHÃ

PHI-PHI

TEATRO APOLO
Companhia RUAS
HOJE — Sucesso sem rival

BELO SEXO

A peça que causa maior entusiasmo

EDEN-Teatro
BREVEMENTE

BUENA-DICHA

Luxuosa montagem BREVEMENTE

RAUL LELO PORTELA
ADVOGADO
Rua Nova do Almada, 18, 2.º
Telefone, C. 2995
LISBOA

Instalações electricas
Orçamentos gratis
MATERIAL ELECTRICO
Grande stock de lampadas
PHILIPS-ARGA

E' quem vende mais barato,
Preços especiais aos revendedores
Telefone C. 5430 / Telegrafo DIFONSO DIAS, FONSECA & SOTO MAIOR L.da
Rua dos Fanqueiros, 122 — LISBOA

LITERATURA

Do livro "Viver"

de Assis Esperança

Transcrição de um dos capitulos

Quanto me possuia a vontade de contrariar todos esses planos, tens ainda outra prova na minha pseudo viagem de repouso pelo estrangeiro, quando verdadeiramente me fui acolher ao Sanatorio de Manteigas. Tudo inutil: o habito do trabalho, os meus nervos procurando ocupação; o espectaculo de toda essa multidão de doentes que procura o hospital numa ansia de cura, fizeram durar pouco o meu pretendido repouso: dezoito dias após a minha chegada, eu partia para Lisboa com a certeza plena de nunca mais lá voltar, embora esta resolução pesasse á minha necessidade de viver.

Pode lá calcular-se o que seja a imobilidade de todas essas criaturas a quem obrigam a um absoluto repouso? E toda essa procissão de sombras humanas que são os corpos emagrecidos, os rostos escaveirados, de olhos febricitantes? Estatuas da dôr, é um espectaculo macabro todas as atitudes desses enfermos quando repousam em grandes cadeiras, ao sol, olhando-se muito, para nos outros encontrarem a horribilidade do seu mal—todos pretendendo esconjurar o espectro da Morte, a força de cantarem a Vida, em afirmações de esperança:—Quando estiver curado...,— exclamam. Como se fossem eternos, todos eles caminham iluminados pelos seus intimos anelos, procurando ansiosamente fugir á dôr presente, não admitindo a verdade das suas existencias: a morte lenta, para cairem em fantasias colossalmente irrealizaveis, recordando, uns, a sua juventude, para depois sentirem a dôr de a haverem perdido; outros, buscando idealizar a vida futura com a mulher que os espera, após a cura, para, momentos volvidos, o sofrimento fisico lhes recordar o seu verdadeiro estado,—condenados á morte, entregando-se á improficua e devorante tarefa de fugirem ás suas dôres, para procurarem outras maiores. Escravos, todos eles, dos seus terrores pela morte, sentindo violentamente a profanação da verdade das suas existencias pelo Desejo, esse viver momentaneo num mundo de sonho, onde se perdem pelas veredas floridas duma existencia só feita de felicidade, paga a dôr de quando, desfeita a sua ilusão, se vêem mais e mais miseraveis? Olvidar, abstrairem-se das suas condições de vida, é belo, mas paga, por ventura, todo o desalento de quando se reintegram nas suas personalidades?

...E são sempre tão curtos esses momentos de esquecimento... No hospital, é constantemente recordada a nossa miseria fisica. De manhã, ao acordarmos, somos presa de uma sensação glacial de abandono ao vermonos sós, longe dos olhares amoraveis de todos aqueles a quem a necessidade animal de estimarmos alguem, para não nos sentirmos desamparados, nos obrigou a considerar amigos; ao encontrarmo-nos, todos nós temos, nos olhos uma pergunta: Quem morreu? — e notando a falta deste ou daquele, ficamos a olhar-nos, a certeza de que tambem havemos de morrer proximamente, precipitando-nos em abismos de pensamentos. Cortados de silencios lugubres, é certo recordarmos, então, um espectaculo ouvido muitas vezes e presenceado algumas: a agonia de um nosso companheiro de desterro, que as paredes do quarto deixaram sôas. De ouvido á escuta, sofremos como ele; presenceando a *nossa* morte, ouvimos os *nossos* gritos: vemo-nos gemebundos, a rasão transviada... Depois, o silencio faz-se e se nos conservamos alerta, altas horas da noite, no sentimento piedoso de não vermos! — a procissão fantasmagorica da saida do cadaver. . Procurando não fazerem ruido, os vultos que levam o caixão, que o rodeiam — medicos, enfermeiros, os que hão de dar-lhe sepultura, têm toda a aparencia de duendes, conduzindo a vitima arrebatada ao mundo. Saem do pavilhão; agora, é o espectaculo do seu caminhar pela neve que cobre a serra. A hora silenciosa torna mais lugubres, ainda, esses vultos que se avolumam na alvura da paisagem; e é sempre, sempre, a sensação de que eles levam alguma coisa de nós, uma sensação de quem, relendo pedras tumulares, encontra a cada passo nomes amigos que o prendem, que o chamam, como admirados pela sua ausencia.

....

Tudo confidenciamos; tudo bisbilhotamos, —e, apesar destes exemplos, da morte ser nossa hospede, teimamos em acreditar que viveremos. Ali, só acreditando que os outros morrem, é um espectaculo dos mais dolorosos, esse, de quando vemos todos esses forçados da vida, simulando a existencia descuidada das creaturas saudaveis, com todos os seus ridiculos. Constituindo um mundo áparte, eles criticam, censuram, investigam da vida de cada um dos seus companheiros de cativeiro; á porfia, em grotestos estender de mãos para colherem prazeres, na combates de galos-pimpões mal a Mulher vae perturbar a uniformidade de todos os seus dias, — quer ela seja vitima de vicios de conformação herdados dos pais: pulsos tenues como juncos, mãos esqueleticas, ombros caidos, costas abauladas, um tom clorotico de pele, quer mostrem no fulgôr estranho das pupilas, na bacia derreada, na curva das ancas, na histeria, no destrambelhado dos desejos, a perversão sensual que as arruinou; quer sejam de uma beleza mais intelectual do que fisica, — educação feita de concertos, teatro, de convivio com os livros, quer sejam dessa vulgar especie de belezas frivolas que nos fornecem os *five o'clok tea*, doutoras no namoro desde os dezoito anos, virgindades provocantes a quem os nervos e a educação deram astucias de corteză fidalga. Como se fossem destinados á vida perfeita sobre que deve assentar a Familia, aproximam-se d'Ela, volitam á sua roda, olhares concupiscentes, ancias de sensualidades a encabritar-lhes os nervos; como se o futuro lhes consentisse cumprirem juras de um eterno amor, esquecem a morte que os espera, uma morte proxima, para se oferecerem a um desejo inexoravel, que, mais e mais, se avoluma e nunca se satisfaz. E' lugubre, até, essa promiscuidade de sexos, tem qualquer coisa de um funebre repicar de sinos, todas essas palavras trocadas, todas as juras feitas nesse mundo áparte, entre creaturas que ambicionam possuir-se quando se sabem interditas para todas as aproximações duradouras,—tal qual dois cadaveres prometendo-se uma fecundidade de além-tumulo.

Mas, quem sabe? é possivel que eles sejam os verdadeiros amantes. Quando vivemos muito, a saciedade possui-nos. Quem sabe se eles não simbolizam o Amor,—uma vibratilidade dos nervos, e nada mais?!...

Desalentado por tudo quanto tento descrever-te; foi então que, não podendo suportar o espectaculo que me oferecia o Sanatorio, resolvi regressar a Lisboa. Mas a minha convivencia com a Humanidade, na secreta laboração da inveja fazendo-me calar o meu sofrimento, desenvolveu em mim um instintivo odio contra todas as criaturas que via saudaveis. Parecendo-me anatemas lançados contra mim, a robustez que os outros me apresentavam, a confiança no futuro a mostrar-me quanto eles tinham condições para viver, eu aumentava o meu odio com a minha solidão, respondendo a sorrir, quando a minha magresa despertava preguntas onde a delicadeza hipócrita podia ser confundida com o interesse:— Doente? não! nunca me sentirão tão forte!— e refugiando-me no orgulho de não receber frases de compaixão pelo desfalecimento da minha carne, eu só conseguia fazer diminuir esse meu odio—tão grande ele era, profiando em assobrerbar-me com trabalho,

Nem a ti, Alda, eu confidenciei o meu mal. Porquê? um pouco porque eras, para mim, uma criança—uma criança que me fazia sorrir á força de caprichos, de frases onde a irrequietude era a pedra de toque; muito porque não poderiamos nunca sofrer das mesmas dôres; talvez porque quizesse mostrar-me, a todos, uma criatura saudavel; certamente porque vivia em mim o conhecimento exacto do horrôr que provocaria a aconselhar-me o silencio ou a mentira por cada vez que, abrindo os teus grandes olhos, me preguntavas, tal qual os outros:—Vejo-o abatido! o que tem? —Receava, ainda, que a confissão do meu mal te afastasse, no recuo instintivo que separa a mocidade da velhice, o são do doente; preferindo tudo, a vêr no teu rosto a piedade por mim,—o teu unico amigo—como, ás vezes, me dizias, recordando certamente a tua vida de solidão, a perda de teus pais, a doença de tua tia, desde o interesse que manifestavas por ele até á plenitude de vida que o teu rosto atestava, tornando-o invejoso pela tua saude, sentia quanto lhe era impossivel qualquer confidencia; como se conhecesses o meu mal, dizia-te cruel, odiava-te por vezes,—confesso-o! —embora com o odio prenhe de admiração das criaturas que anseiam um bem que vêem os outros possuir e sabem não alcançar nunca, nunca mais.

Nacional Telef. C. 2049 EXITO CONSAGRADO

HOJE HOJE

A espirituosa comedia de grande sucesso

CARTA ANONIMA

Peça querida das familias

TEATRO DE S. CARLOS
Companhia Alves da Cunha
de que faz parte a actriz Berta de Bivar
Direcção artistica de Araujo Pereira
A ilustre actriz Angela Pinto
em representações
Sabado, 18, ás 21 horas
O original português em 4 actos,
de Artur Gollão

A VIDA

Reaparição do actor Alves da Cunha e de sua companhia

POLITEAMA
A's 21,30 Telef. N. 3028
HOJE — 2.ª representação
da peça em 3 actos, original de Vitoriano Braga

A CASACA ENCARNADA

em que toma parte Lucilia Simões, Erico Braga e Ribeiro Lopes
Encenação de Lucinda Simões
Scenarios novos de CAMPOS e OLIVEIRA

Domingo, 19 — Concerto extraordinario, em festa da Orquestra Sinfonica de Lisboa, e dedicada ao seu regente, maestro
FERNANDES FÃO

COLISEU DOS RECREIOS
HOJE — ás 21 horas — HOJE
Primeiro espectaculo de accionistas pela

Nova Companhia de Variedades

Magnifico e interessantissimo programa — Maravilhosos efeitos scenicos e de luz

Todas as noites

"Os miseraveis,,

A obra prima de Victor Hugo no Cinema Condes

E' hoje que no Condes se estreia a admiravel obra-prima de Victor Hugo *Os miseraveis*, d'onde foi extraido o mais notavel e completo «film» cinematografico. Todas as fases, todos os episodios do emocionante romance, postas em scena por uma forma superior de interpretação e «mise-en-scène».

Os miseraveis dividem-se em duas jornadas, de 5 partes cada uma, a primeira das quais se estreia hoje, sendo o principal papel desempenhado pelo extraordinario actor Henry Krauss.

Em pleno sucesso continúa *Os misterios do Oriente* («A soberana do mundo») o mais extraordinario «film» de aventuras e misterio, magistral interpretação da grande actriz alemã Mia May.

A hilariante comedia *Os dinamitistas* preenche a parte comica do belo programa de hoje.

SUSPENSORIOS
300 duzias de seda para saldar a...... 7$500
300 duzias d'algodão fita elastica a..... 3$500
CASA DAS MEIAS
DA
RUA DO OURO, 117

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Da preocupação de amar

D. Maria de Carvalho, que é uma poetisa por vezes muito interessante, tem, como poetisa, uma grande indulgencia pelo amor, se não mesmo uma grande ternura.

Na verdade que seria dos poetas se não fosse o Amor? Eu creio mesmo que mais de metade do Amor é invenção dos poetas, caprichosamente continuados pelos jornais—poetas do fait-divers.

D. Maria de Carvalho assistiu durante a ultima recita da Pierat a uma paixão oculta, de um portuguesinho moreno por aquela gaulesa auriclara. Mais. Póde vêr o ultimo acto daquele Aimer, *no cais mecanico e desconfortavel duma gare, tal qual como* Poliche *de Bataille.*

Ainda que a poetisa cronista não pudesse seguir, tão proxima, aquele roman sans parole, *era de crer que ele se tivesse passado. O português é o mais romantico dos amorosos e tem uma preocupação de amar, que o leva, em geral, á sepultura, sem nunca ter sabido o que é o Amor.*

Precisamente na ultima peça da tournée *Pierat, o* Aimer *desse futil e almiscarado Geraldy, essa preocupação de amar atinge, por vezes, um assomo tão agudo, que se o Geraldy não fosse o Geraldy, ele teria feito, pelo menos duas grandes, fortes, humanissimas peças.*

Na verdade naquele Aimer *ha tudo, menos—amor. Não é amor o que tenta a pobre Pierat pela voz do aventureiro que a seduz. E' a propria aventura, isto é, é uma leviandade.*

Não é amor tambem o que a faz ficar na sua casa, com saudades já do seu futuro passado, da memoria de seu filho, dos seus bibelots, do seu fogão, habito morno do lar. Não é amor. E' comodismo. E' habito. E' a casa.

E a peça não ficava diminuida, se Geraldy lhe chamasse A Casa, *porque a casa é, ainda, alguma coisa de tão grande e tão humano, como o Amor.*

Naquele Aimer, *onde o moço moreno se apaixonou,—na revelação dos seus olhos grandes—pela Pierat, não ha sombras de Amor.*

Tal qual como ou quasi todo o Amor. O que ha naquela heroina—é a preocupação de amar. O que move e prende aquela mulher, o que a alucina e a tortura, o que a embriaga e a seduz não é um sentimento. E' uma preocupação.

Se alguma tese fosse possivel tirar da peça de Geraldy, era a de que ha uma humanidade—felizmente restrita—embalada de literatura e romantismo, que é joguete e vitima do prestigio de uma palavra—Amor.

Quero eu negar o Amor? Deus me livre. Simplesmente ouso afirmar que á humanidade amor mais do que tem na vontade. Que o fundo de Amor que Deus nos colocou no coração é tão pequeno, que todo o restante que estadeamos e até ingenuamente vivemos —é contrafacção.

Tal qual como os vinhos do Champagne, *que é uma minguada região e que, no entanto, inundam todo o mundo.*

Ha lá mesmo nada mais parecido com o amor—do que o champagne?

A. de B.

Instituto Bacteriologico da India

Foi exonerado, a seu pedido, de director do Instituto Bacteriologico da India o capitão medico Silva Correia.

CAMBIOS

DIA 17

	Comprador	Vendedor
Libra esterlina	52$000	54$000
Londres, cheque	5 1|8	4 7|8
» 90 d. v.	5 1|4	—
Rio	7 25|32	—
Paris	$964	1$014
[illegible]	$538	$566
[illegible]rica	$891	$937
[illegible]	2$095	2$207
[illegible]nha	1$675	1$761
Berlim	$040	$043
Holanda	4$061	4$263
Nova-York	10$785	11$330
Austria	1	3
T. Desc. Banco de Inglaterra	—	—
» » » Portugal	—	—
Agio do ouro	$900	$950

SCIENCIAS OCULTAS

O SR. CALDERON FALA AO "DIARIO DE LISBOA" SOBRE TEOSOFIA

E FENOMENOS PSIQUICOS

Casos de cura pela Teosofia

—Venho preguntar-lhe coisas sobre espiritismo...

—Espiritismo não, teosofia — emendou o sr. Calderon—sobejamente conhecido do publico como musico, e hoje indicado como um dos mais conceituados teósofos de Lisboa.

—Então qual é a diferença?

—O espiritismo encara os fenomenos psiquicos dando-lhe um aspecto religioso.

—E a Teosofia?...

—Tem uma forma rigorosamente scientifica.

—Então que vem a ser o espirito, na concepção teosofica?

—Um estado apenas. O numero sete é o numero de todas as manifestações da natureza, predomina pelo menos...

—E daí?...

—Supômos que os estados tambem devem ser sete.

—São conhecidos só três...

—Na sciencia já são conhecidos quatro: o sólido, o liquido, o gazoso e o radiante.

—E as investigações teosoficas tendem...

— . A reconhecer se o espirito do homem não é um dos estados que faltam para chegar aos sete.

—E têm razões para o presumir?

—Já lhe disse algumas. E' um caso analogo á pre-adivinhação da existencia de Neptuno antes da sua descoberta...

—Nesse caso, os teósofos consideram o espirito como materia?..

—Sômos os mais materialistas.

—Não podem ser religiosos...

—Não. *Religio* tem a mesma raiz de *Relier*, ligar. Ligar o quê? As esferas inferiores ás superiores. O espirito do homem a Deus —Deus como ente separado, autonomo...

—Esta concepção não cabe dentro da nossa...

—Não. Mas note que a Teosofia torna compreensiveis todas as religiões, para o que se encontra dentro delas.

—?

—... E' a reunião de todas as forças da natureza, de todos os mandos. Todas as manifestações de força, na terra ou em qualquer sistema solar, são Deus.

—Mas já houve uma concepção anágola, na humanidade...

—Já, a dos gregos

—E' a mesma coisa?

—Na essencia é...

—Mas os gregos chegaram a elevar-se a uma concepção do espirito como a nossa?

—Um pouco. Nos misterios, como os misterio de Eleurès. e outros, onde só eram admitidos os iniciados, os que tinha uma certa inclinação para essas coisas.

— Porque só êsses?

—Ainda hoje ha um certo perigo nas exriencias psiquicas.

—Porquê?

— Por causa da lei da atracção que regula tudo no mundo, até os movimentos dos astros. A acção simpatica do espirito dos comerciantes, chamando um espirito *antipatico* ao dos artistas, póde influir sobre estes até á loucura.

— E' preciso então o maximo cuidado.

— O maximo. A acção *simpatica* porém, póde ter um efeito benefico...

— Ha casos?

— Sim.

— Por exemplo...

— Conseguimos até curar uma pessoa conhecida que esteve em Rilhafoles...

— E' um processo análogo ao magnetismo?

— Não, o magnetismo actua pela força de vontade. Nós por meio da influencia *simpatica* do espirito *simpatico* ao doente.

UMA CONFIRMAÇÃO

A CERIMONIA DA IMPOSIÇÃO DO CHAPEU CARDINALICIO AO NUNCIO

MONSENHOR LOCATELLI

Realizar-se-ha brevemente

O *Diario de Lisboa* deu ha dias em sobrios termos, que infelizmente não corresponderam ao estado de espirito de alguns ilustres colegas de imprensa, a noticia de que estava sendo concertado entre Portugal e a Santa Sé o restabelecimento da antiga prerrogativa que concedia ao chefe do Estado em Portugal a imposição do chapeu cardinalicio ao nuncio de Sua Santidade, caso este fosse feito cardeal.

Era uma noticia. Não era mais nada. Não temos hoje mais que confirma-la, sob uma reserva que depende só de uma sucessão de factos, e não é em caso nenhum de uma alteração de doutrina, que supomos já estabelecida.

Se Mgr. Locatelli fôr feito cardeal no proximo Consistorio, como noticias de Roma levam a crêr, será o sr. Antonio José de Almeida quem lhe imporá, em Lisboa, o chapeu cardinalicio, privilegio de que gosam hoje muito poucos Chefes de Estado, no mundo cristão.

A data mesmo foi fixada já para a segunda quinzena de abril. A cerimonia, que revestirá um aspecto desusado, em imponencia e exterioridade, realizar-se-ha no palació de Belem, se bem que haja cerimonia religiosa na Sé ou nos Jeronimos.

O nosso muito presado colega *A Epoca*, que ante-ontem se referia ao assunto num artigo firmado pelo seu director, admitia a hipotese de a nossa simples noticia se confirmar «como uma homenagem de paternal afecto dispensada pela Santa Sé á Nação Fidelissima».

Julgamo-la confirmada, nós que puzemos no informe apenas um interesse jornalistico despido de outro qualquer cuidado. E a proposito devemos dizer que não percebemos porque é que *A Epoca* achou, em parte, pitorescos os termos da nossa noticia, quando é certo que eles foram postos numa linguagem que é aproximada á da *Epoca* quando trata destes assuntos, e com uma isenção politica que se assemelha em tudo á daquele nosso presadissimo colega quando se refere a assuntos que tenham mais um caracter nacional do que um caracter estreito de politica de facções governamentais.

Os funcionarios publicos e o ultimo decreto das subvenções

A comissão central dos funcionarios e assalariados do Estado procurou hoje efectivamente o sr. ministro das Finanças, na esperança de obter informações definitivas sobre as reclamações respeitantes ao ultimo decreto das subvenções. A comissão apenas poude ser atendida pelo chefe do gabinete, dr. Viana de Carvalho, que se inteirou do assunto, a fim de, na proxima 2.ª feira, poder responder com conhecimento de causa.

O "chauffeur" da "camionette" fantasma

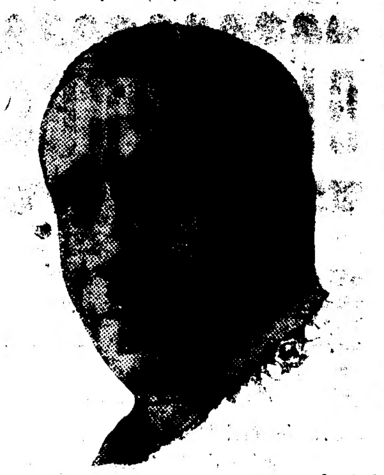
seguiu hoje para o forte da Trafaria

Dos calabouços do Governo Civil seguiu hoje para o forte da Trafaria, escoltado por uma fôrça de marinheiros, Rogerio da Silva, o «chauffeur» da «camionette» fantasma, que tomou parte nos atentados da noite de 19 de Outubro.

Os Teatros

Armando de Vasconcelos

No S. Luis realisa hoje a sua festa o estimado empresario e distintissimo ensaiador Armando de Vasconcelos, a alma, o espirito disciplinador e orientador daquela casa de espectaculo e da companhia de opereta melhor organizada dos ultimos tempos. Temperamento excepcional de artista, Armando de Vasconcelos, com as suas



«mise-en-scènes», com o seu relevo de homem de teatro moderno, tem operado uma revolução naquele genero, impondo a sua maneira e impondo os artistas que, como uma familia, dirige, auxilia e põe em destaque. Não se trata, portanto, dum mediocre, e como tal o «Diario de Lisboa», que o tem acompanhado nos seus anseios de arte, o saúda festivamente.

Representa-se, pela primeira vez, a opereta vienense «Sua Alteza Valsa...», na qual o festejado tem o principal papel, sendo sua a enscenação e os scenarios de Reis filho, Reinaldo Martins e Magni.

A Casaca Encarnada

Representou-se ontem no Politeama, com largo entusiasmo, a peça original de Vitoriano Braga A Casaca Encarnada, em festa do distintissimo actor Erico Braga. Foi uma interessante noite de arte. Porque o nosso colega, encarregado das criticas das peças de declamação, não poude ontem assistir ao espectaculo, só ámanhã nos referimos, como sempre, ao novo original português, e ao seu desempenho.

Atrás do reposteiro

A actriz Emilia de Oliveira, em «tournée» pela provincia, deve regressar brevemente a Lisboa com a companhia que dirige, tendo incumbido o actor Jorge Grave de organizar um outro elenco, a fim de voltar a fazer nova digressão.

—Liquidou com grandes prejuizos a companhia que o actor Silvestre Alegrim andava dirigindo pela provincia. Este artista, por êsse facto, acaba de contractar-se para o teatro Nacional, do Porto.

—O actor Luis Pinto pensa de novo em organizar uma companhia para uma «tournée» no proximo verão, constituindo-a com elementos do teatro Nacional.

—Rafael Marques, depois de obtida a respectiva licença, deve partir em Maio para o Brasil, a cumprir um contracto que vai fazer com o emprezario José Loureiro, antes da partida dêste para o Rio de Janeiro.

—De todos os lados têm acorrido as adesões e os incitamentos, dirigidos ao actor José Ricardo, a proposito da situação precaria em que se encontra a grande actriz Virginia e da festa que, em sua homenagem, vai efectuar-se no Nacional. As senhoras da sociedade, especialmente, estão cuidando a serio em dar á festa o maior brilhantismo.

—Os ensaios musicais da revista «Buena dicha» estão sendo dirigidos pelo maestro Raul Portela, substituindo temporariamente o seu colega Wenceslau Pinto. O «compère» desta revista, «O Trôxa», vai ser desempenhado por Aurelio Ribeiro.

—O quadro novo da revista «Pica-Pau», em scena no Aguia de Ouro, do Porto, deve representar-se brevemente. Os seus autores, que o são tambem da fantasia «Belo Sexo», partiram para aquela cidade. O guarda-roupa é da Empreza de Materiais de Teatro.

—Vai ser contractada uma bailarina franceza para ensaiar os bailados da «Revista de Praxedes», de André Brun, destinada ao S. Luis, no proximo verão.

—No Nacional, mantem-se com o maior agrado, fazendo uma brilhante carreira, a comedia de Muñoz Séca, «Carta anonima», registando-se todas as noites uma enchente.

—No dia 1 de Abril realiza-se no Salão Foz, com a revista «Giga-Joga», uma recita de homenagem a Ricardo Lambert, distinto secretario da companhia Otelo de Carvalho. A' revista «Giga-Joga», que continúa em pleno triunfo e não retirará tão cedo do cartaz, assistiram ontem muitas familias da nossa primeira sociedade.

Ordem do Exercito

Deve ser distribuida ámanhã a «Ordem do Exercito» n.º 4 da 2.ª serie.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

A MISERIA DE LISBOA

ACUDAM AOS HOSPITAIS E ÁS CASAS DE CARIDADE!

A subscrição do "Diario de Lisboa"

O *Diario de Lisboa* apelou para a caridade dos seus leitores, a fim de minorar um pouco a sorte dos doentes, dos pobres e dos aleijados—que esta Lisboa de 500.000 habitantes têm dentro dos seus muros. Não foi em vão que o *Diario de Lisboa* dirigiu este apêlo aos seus leitores, que corresponderam inteiramente á ideia que nos anima de contribuirmos com o nosso esforço e a nossa boa vontade para dar aos doentes dos hospitais de Lisboa algum conforto—que o Estado, infelismente, não lhes dá—e distribuir aos pobres alguma coisa que lhes torne menos aflitiva a miseria em que vivem.

O *Diario de Lisboa* viu, com satisfação, que ainda não se apagou aquele espirito de generosidade que foi sempre uma das caracteristicas da raça portuguesa. Ao nosso apelo corresponderam aqueles que estão em condições de o fazer e não se pode dizer que as pessoas de dinheiro se tenham retraído, ao tratar-se duma idéa generosa, que teve sempre em nós, desde a primeira hora, os mais devotados defensores.

A nossa subscrição para os hospitais de Lisboa, que ainda ha poucos dias estava em 496$70, atingiu hoje a cifra de 4.496$70. Para distribuir pelos nossos pobres, distribuição que será feita no dia 7 de abril, temos já em nosso poder a quantia de 1.637$20.

As duas verbas somadas aproximam-se já de 4 contos, o que representa, incontestavelmente, um belo exito para a subscrição do *Diario de Lisboa*.

Damos em seguida o resumo das ultimas verbas recebidas:

Para os hospitais

Transporte	496$70
Banco de Portugal	1.000$00
Banco Nacional Ultramarino	500$00
Casa Pinto & Sotto Maior	500$00
Fonseca, Santos & Viana	1.500$00
Casa Tota	500$00
Soma	4.496$70

Para os pobres

Transporte	387$20
Banco de Portugal	500$00
Banco Nacional Ultramarino	250$00
Casa Pinto & Sotto Maior	250$00
Casa Tota	250$00
Soma	1.637$20

DE LUTO

Florencio Pereira Garcia

Realizou-se hoje o funeral do sr. Florencio Pereira Garcia, funcionario distintintissimo do ministerio do Trabalho, e cunhado do nosso ilustre colega de jornalismo, sr. Luis Derouet. Porque o extinto era um primoroso caracter e porque as suas relações com o redactor principal de «A Manhã» tinham uma intimidade de irmãos, enviamos ao sr. Luis Derouet, e a sua familia, a nosso mais sincera expressão de pezar.

D. Virginia do Espirito Santo da Costa Machado

Na casa da sua residencia, Avenida Almirante Reis, 18, 2.º, faleceu hoje a senhora D. Virginia do Espirito Santo da Costa Machado, sogra do sr. Francisco Machado Ribeiro, oficial de marinha, e avó do sr. Horacio Machado Ribeiro, funcionario do ministerio das finanças, em serviço na Junta de Credito Publico.

O funeral da veneranda extinta realiza-se ámanhã, ás 15 horas, saindo da morada acima, para o cemiterio oriental.

A actriz Tina Coelho

assaltada por um grupo suspeito

Ontem á noite, quando a actriz Tina Coelho se dirigia num automovel para sua casa, na rua do Conde de Redondo, ao chegar perto da sua residencia, foi assaltada por um grupo de individuos, que fugiu logo que aquela actriz gritou por socorro.

O MISTERIO DA PENHA DE FRANÇA

QUEM MATOU O CAPITÃO VAQUINHAS?

O "DIARIO DE LISBOA" CONSEGUE LEVANTAR UMA PONTA DO VEU

ao fim de aturadas diligencias

Já correu uma semana sobre o assassinio do capitão Vaquinhas. Hoje, como ha sete dias, o misterio continúa impenetravel, não não tendo ainda as autoridades realizado qualquer captura nem, sequer, descoberto pista que as habilitasse a desenrolar a meada. Os anonimos, *mascaras de bronze*, na sua designação, zombam da justiça e, por cada dia que passa, mais se embrulham na convicção de que mal algum lhe sucederá.

No entanto, o *Diario de Lisboa*, que não descura este assunto. tem trabalhado no intuito de o pôr a claro. A insuficieucia da nossa policia, cabalmente demonstrada por dezenas de crimes que para sempre ficaram impunes, obriga os particulares a improvisar-se em *dectetives*. Foi o que fizemos. É o nosso trabalho, embora a sua exposição se torne dificil por escabrosas, aí vai para edificação do publico:

O capitão Vaquinhas era vitima de vicios inconfessaveis. Está averiguado, tanto pela inquirição de testemunhas como pelo conhecimento do seu passado, que mantinha relações, de certo modo intimas, com determinada qualidade de individuos. As visitas a sua casa de marinheiros, soldados e outras creaturas, visitas essas realizadas a altas horas da madrugada, sucedíam-se e na vizinhança todo o mundo disso tinha conhecimento. Estabelecido este primeiro ponto, uma reflexão logo se formula, como que automaticamente:—as visitas do capitão Vaquinhas, recrutadas nas camadas mais baixas da população, levadas a sua casa pela cubiça de uns tantos escudos de esportula, com facilidade chegaram ao convencimento de que a sua vitima dispunha de meios de fortuna.

Oficial do exercito e, para mais com a carreira feita no ultramar, dinheiro ou objectos de valor não deviam escassear na sua residencia, arranjada com um certo conforto...

E este pensamento inicial levou á perpretação do crime, largamente premeditado com todos os pequenos detalhes demonstraram, desde a garrafa de aguardente com que foi embriagado o capitão Vaquinhas ao bilhete dos *mascaras de bronze* feito a capricho com letras de jornal.

O roubo, pois, realizado a coberto de uma intimidade suspeita, foi o mobil dos assassinos. Estes, dois pelo menos, devem ser aqueles dos visitantes do capitão Vaquinhas, que mais amiude o procuravam. O guarda nocturno da area, que já fez algumas revelações á policia, desde que insistam, poderá fornecer mais detalhes.

Além disso, ha um expediente de que a policia ainda não se utilizou e que pode lançar luz definitivamente no misterio da Penha de França. Ei-lo: colhidos sinais digitais nitidos e partindo da suspeita, quase a certeza, de que os assassinos já tiveram por mais de uma vez relações com a policia, proceder-se-hia ao confronto com os que existem no Posto Antropometrico. Para nós, temos a convicção de que isso quase bastaria para os identificar.

A pista não pode ser senão a que deixamos apontada:—procurar os autores do assassinio do capitão Vaquinhas entre esta camada da população, felizmente restrita e que, precisamente, por procurar envolver-se no maior misterio, a todos os olhares se apresenta...

Completando os nossos informes, devemos declarar que, tanto no governo civil, como no ministerio da Guerra, não falta quem, por um respeitavel brio de classe, queira pôr pedra no assunto. Mas o interesse da justiça é que não se compadece com esses melindres. A lista dos crimes impunes é longa em demasia, para que se possa consentir na manutenção de uma quase certeza de impunidade por parte dos criminosos.

O almoço dos jornalistas

realiza-se, domingo, no Tavares

O almoço que uma comissão de jornalistas promove ao nosso camarada Norberto de Araujo, com o pretexto de reconhecimento do governo italiano pela sua missão jornalistica de ha tempos, realiza-se depois de ámanhã, no Tavares, ás 13 horas. A inscrição foi extensiva a artistas e cronistas literarios, que de perto convivem com os jornalistas. Inscreveram-se mais os srs. Baptista Horta, Pereira Coelho, Antonio Carneiro (João Fernandes) e José Pacheco.

Deve constituir uma interessantissima reunião de homens de letras e de jornalismo, estando a comissão empenhada em que este encontro de trabalhadores dos jornais tenha a revesti-la um belo caracter de camaradagem.

Vamos ter trigo

Começou hoje a descarga de um importante carregamento de trigo exotico, chegado ao Tejo no vapor «Makis», que o governo adquiriu.

O desfalque de 50 contos

na casa Fonsecas, Santos & Viana

Encontram-se quasi concluidas as investigações policiais encetadas pelos agentes Teixeira e Macedo, ácêrca do desfalque de 50 contos na casa bancaria Fonsecas, Santos & Viana.

Falta apenas apurar as provas concretas sobre o destino que o empregado Antonio Camacho deu ao dinheiro desfalcado, estando já averiguado que, além de avultadas despezas que fazia com mulheres, perdera dinheiro ao jôgo, no Estoril e em Lisboa.

O respectivo processo deve ámanhã ficar concluido, devendo o acusado seguir depois de ámanhã para juizo, recolhendo á cadeia do Limoeiro, se não prestar fiança.

Um convite aos marinheiros

para mecanicos de hidro-aviões

Foi dirigido convite ás praças da armada que desejem tirocinar para mecanicos de hidro-aviões a declararem, dentro de 15 dias, obrigando-se a servir, na aeronautica naval, por 2 anos.

A lampada PHILIPS
E' sempre preferida em todo o mundo, por ser a melhor
RAUL VIEIRA, Ltd.
RUA DA PRATA, 51 — TELEFONE 3586 C.
Tem DEPOSITO de todos os tipos e intensidades
PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES
Lampadas para AUTOMOVEL e para FOGÃO

UM ORIGINAL PORTUGUÊS

O TEATRO DE S. CARLOS E A SUA NOVA EPOCA

Uma entrevista com Alves da Cunha

E' num camarim de S. Carlos, onde ha um espelho que por vezes reflete o chapeu verde de Angela Pinto, que anda lá fóra, fóra de scena a criticar a *Casaca Encarnada*, com anedotas que só ela sabe contar num sorriso mordaz e aguçante, que está sentado Alves da Cunha, o artista formidavel da *Garra*.

Já o tinhamos visto entrar, pisar o tablado, com passos fortes, ouvido a sua voz quente, correspondendo aos cumprimentos da companhia que esperava o ensaio geral. Na vida — não é a peça — o seu gesto é sempre sacudido, marca as palavras; fala-nos agora, tal qual como se estivesse em frente do publico, representando.

Umas tantas frases fora do assunto da entrevista.

— A peça de ámanhã...

— *A Vida.*

— Com um personagem ajustado ao seu temperamento...

— Um pouco... Não tem grandes violencias... Talvez no final do 2.º acto.

— Rapido. O que é o entrecho? As figuras...

— Um medico e um politico.

— Dois personagens?

— Não! Um só. Pela medicina e pela politica, o personagem tenta erguer-se, voar, atingir o bem... Uma scena de adulterio, que não é a scena vulgar...

— Então?

— O personagem é casado... A mulher deixa-se estontear, num momento passageiro, por um qualquer mariola que depois conta a aventura... A mulher mata-o, em scena, na presença do marido...

— É finda aí a peça?

— Não! Um julgamento. O marido defende-a... eu, defendo-a e narro como ela matou o seductor...

— Depois...

— A mulher adoece. O marido salva-a. No seu espirito a razão e o sentimento travam combate, violento, angustiante. Porque não ha-de perdoar? como ela lhe pede... Não!... Não!... E assim morre lutando comsigo proprio... Eis a peça...

— Mas tem outras...

— Só estou aqui até fins de abril, principios de maio. Vou ao Porto depois, porque tenho um contracto com o José Loureiro. Quero representar aqui *Os Tubarões* de Nicodemi; fazer a «reprise» da *Ventoinha* e da *Alma Forte*.

— A sua peça do Politeama...

— Oh! não calcula o trabalhão que tenho tido para que o Pereira ma dê...

E conta:

— Ninguem se lembrava de a representar em Portugal quando a escolhi para fazer com ela uma festa artistica... Escolhi-a; representei-a eu apenas; passaram-se já dois anos depois disso e ainda ninguem se lembrou de a pôr em scena.

— Em que se funda o empresario do Politeama...

— Em nada... Pagou os direitos de autor, mas eu tambem paguei uma multa quando me desliguei da companhia... A peça é minha! Emfim, pode-ser que, por intermedio de terceiros, ainda a consiga vêr na minha mão...

— S. Carlos! Teatro mau... Alcacer-Kibir dos empresarios...

—Sim. Eu conto ter um prejuizo de vinte contos em dois meses. A despeza é grande; tenho que pagar aos meus empregados e aos empregados que cá estão... A electricidade! os bombeiros! a policia! Uma folha geral formidavel... Não tenho um scenario, um movel. Ardeu-me tudo, no Gimnasio...

—E tenta?

—Sempre fiz teatro honesto... E a razão porque eu prossigo... O publico não avalia os sacrificios, nem eles proprios...

—Eles?

—Sim; os da companhia... Boa gente: Angela Pinto, Berta Bivar, Eduardo de Freitas, Celeste Leitão...

Pão Aliança

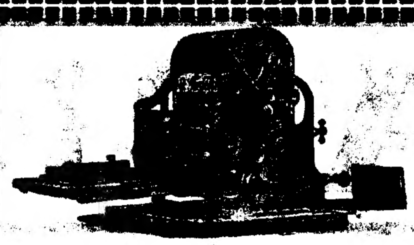
(FABRICO MECANICO)

Encontra-se á venda nos seguintes depositos:

N.º 1—Rua do Amparo, 1 a 7
N.º 2—Rua da Betesga, 12 e 14
N.º 3—Rua Eugenio dos Santos, 11 e 13
N.º 4—Praça das Flôres, 1 e 2

Abertura em breve dos deposito n.os 5 e 6, no Largo do Calhariz, 10 e 11 e na Rua de D. Pedro V, 119 e 121.

Provisoriamente á venda nos seguintes locais; emquanto se não criam depositos especiais: Rua Alexandre Herculano, 54; Rua Almirante Barroso, B. S.; Rua Actor Taborda, 32; Rua Vinte de Abril, 1/7; Largo da Graça, 133 e 133-A; Rua da Senhora da Gloria, á Graça, 88 a 96 e Rua de Santo Antonio da Sé, 2 a 8.



CADA ESCRITORIO precisa organização!!
CADA NEGOCIO précisa desenvolvimento!!

O DUPLICADOR

RAPIDO, LIMPO, SIMPLES

A. Gestetner

70 cópias por minuto

pode ser nos dois casos de imensa utilidade

Peçam detalhes á casa

— A. GESTETNER —

Rua da Conceição, 125, 4.º

LISBOA Telefone C. 3[illegible] LISBOA

PREFERIR O CHÃO SEM FENDAS

"CORTICITE"

(PROPRIO PARA ESTABELECIMENTOS, SALÕES, QUARTOS, CASAS DE BANHO, COZINHAS, TERRAÇOS, ETC.)

É ALIAR O BOM GOSTO Á ECONOMIA E Á HIGIENE

ORÇAMENTOS GRATIS ENVIAR PEDIDOS AOS UNICOS FABRICANTES

ESTABELECIMENTOS HEROLD, L.DA

Telefone C.-2720 LISBOA R. dos Douradores, 7-1.º, 2.º e 3.º

BANCO COLONIAL PORTUGUÊS

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

CAPITAL REALIZADO

Esc. 10.000.000$00

Assembleia geral ordinaria

E' convocada para sabado, 18 do corrente, ás 14 horas, no edificio do Banco, a Assembleia Geral para deliberar sobre o Relatorio e Contas da Direcção e respectivo Parecer do Conselho Fiscal relativo ao exercicio findo em 31 de dezembro de 1921, e eleição da mesa da Assembleia Geral e Corpos Gerentes, efectivos e suplentes.

Lisboa, 1 de março de 1922.

O Presidente da Assembleia Geral
(a) DOMINGOS PINTO COELHO

BANCO COLONIAL PORTUGUÊS

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

CAPITAL REALIZADO

Esc. 10.000.000$00

Assembleia geral extraordinaria

E' convocada para sabado, 18 do corrente, ás 14 horas, no edificio do Banco, a Assembleia Geral para deliberar sobre o Relatorio e Contas da Direcção e respectivo Parecer do Conselho Fiscal relativo ao exercicio findo em 31 de Dezembro de 1921, e eleição da meza da Assembleia Geral e Corpos Gerentes, efectivos e suplentes.

Lisboa, 1 de Março de 1922.

O Presidente da Assembleia Geral
(a) *Domingos Pinto Coelho*

TUBERCULOSE

O tratamento da anemia, fraqueza geral e convalescenças de doenças graves só é radical com o emprego da

ANGIOLYNPHA, do DR. ROUS

como afirmam os inumeros atestados medicos que possuimos

Representantes para Portugal e colonias:
MARIO PINTO, LIMITADA
LISBOA —— 98, RUA DA PRATA, 2.º

CARVÃO VEGETAL-COKE E BRIQUETES

TELEFONE C. 4119
VENDAS NO DOMICILIO EM SACOS SELADOS
FRANCISCO LEITÃO & C.ª F.º
RUA DA COSTA 8, LISBOA

DIVORCIOS

Consultas e todos assuntos, com rapidez e economia. Drs. Oliveira e Cupertino, R. Garrett, 80, 2.º

O **Diario de Lisboa** *encontra-se á venda no Dafundo, na tabacaria Freire.*

Pinto & Sotto Mayor

BANQUEIROS

LISBOA	PORTO
Rua do Ouro, 18, 24	Praça da Liberdade, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras—Fundos publicos nacionaes e estrangeiros

AGENCIA GERAL DE ANGOLA

(Instituição oficial criada por decreto do Alto Comissariado da Republica em Angola, n.º 16, de 19 de Maio de 1921)

SÉDE—RUA DA MADALENA, N.º 237, 1.º ANDAR—LISBOA

ENDEREÇO TELEGRAFICO «AGENCIANGOLA»—TELEFONE C-3557

OS SERVIÇOS A CARGO DA AGENCIA SÃO OS SEGUINTES:— Serviços de colonização e imigração; Aquisição de materiais e demais artigos destinados ao Governo Geral de Angola; Serviços relacionados com emprestimos; Serviços de propaganda da Provincia e informações.

Esta Agencia Geral presta todos os esclarecimentos que digam respeito á provincia de Angola e que lhe sejam solicitados por qualquer pessoa

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

AS GREVES NA AFRICA DO SUL

UM ATENTADO contra o general boer Smuts

O seu automovel é alvejado a tiro por um grupo de grevistas quando fazia a sua entrada na cidade de Johannesburg onde se encontrá procurando manter a ordem

JOAHANNESBURGO, 17

O general Smuts encontra-se nesta cidade esforçando-se por normalizar a situação. A sua viagem para aqui foi extraordinariamente movimentada. Os grevistas guardavam uma ponte que dá acesso á cidade e atravez da qual o general Smuts lançou o seu automovel com a maxima velocidade. Os grevistas fizeram fogo contra o carro tendo conseguido atingir um pneumatico, o que não impediu que o primeiro ministro fizesse a sua entrada na cidade onde a sua acção energica se tem feito extraordinariamente sentir — (U. P.).

A Russia e a Polonia

Tchitcherine envia um «ultimatum» ao governo polaco

REVAL, 17

Tchitcherine enviou uma nota á Polonia comunicando-lhe que o governo russo não pode permitir que bandos polacos anti-bolchevistas ameaçem constantemente a fronteira russa. Tchitcherine declara que o governo dos «soviets» adoptará violentas medidas se esses bandos não forem imediatamente dissolvidos. —(U. P.)

EM INGLATERRA

O momento politico

A demissão de Lloyd George e o que, provavelmente, se irá passar na Conferencia de Genova

Depois de ter procurado varios meios para se sustentar no poder, Lloyd George resolveu demitir-se. George Jounger não abranda as censuras ao primeiro ministro e a demissão de Montaigu não fez mais do que tornar mais critica a já abalada situação do actual governo britanico, o qual, a bem dizer, é apenas um nome: o governo de Lloyd George tem sido ele, auxiliado pelo seu refluxo exagerado, Lord Curson.

Lloyd George indicou a Chamberlain como seu sucessor; este, apesar de ainda não estar indicado oficialmente, já tem em seu poder o pedido de demissão de Lloyd George, e servir-se-há dele logo que o «bill» irlandês se converta em lei.

E' sabido que a demissão forçada de Montaigu foi uma tentativa do primeiro ministro britanico para se conciliar o favor dos conservadores. Montaigu, partidario das reivindicações da India, publicou um telegrama, em que as populações mussulmanas da India intimavam o govêrno britanico a abandonar a politica de oposição á Turquia, que vem seguindo ha cêrca de três anos. Lord Curson podia ter obstado á essa publicação. Não o fez, para imediatamente a ela representar á Montaigu o inconveniente de tal procedimento, apresentando-lhe simultaneamente a necessidade de se demitir.

Montaigu demitiu-se, com efeito, mas tornou publico o procedimento de Lord Curson, dando-lhe como motivo o fim de agradar aos conservadores, contrarios ás reivindicações da India, movendo-lhe guerra a êle, partidario dessas reivindicações.

Lloyd George esforçar-se-há por fazer valer o trabalho realizado por êle até agora; uma coisa, porêm, lhe é já agora impossivel, visto que só um muito improvavel milagre o manterá no poder: impedir que a conferencia de Genova não seja uma reunião sem consequencias, quando não fôr um logro.

E' natural que as nações não desistam de ir a Genova, mas a conferencia perdeu toda a importancia.

Que se ia buscar a Genova? Uma orientação nova, abandonar o procedimento de rigor extremo que se tem seguido para com a Alemanha e a Russia, entrar em relações normais com todos os países, se bem que cautelosas.

Chamou-se-lhe conferencia economica; em realidade ela era uma conferencia em que as necessidades economicas iam orientar as relações politicas.

Apesar das suas convenções com a França, Lloyd George saberia encontrar forma de «se forçar» a inclinar-se perante os argumentos de Lenine e dos delegados alemães, sumindo a teimosa intransigencia da França nas necessidades europeias.

Agora, falta o elemento conciliador e habil. Ir-se-ha a Genova? Sim, talvês se vá a Genova... Mas, frente a frente, encontrar-se-hão dois partidos irredutiveis e um tantos comparsas indiferentes, á espera do que aqueles resolverão. Se a França fôr a Genova, depois de umas discussões, mais ou menos animadas, cada um voltará na mesma ao seu país.

A menos que Lenine venha como resolveu, e consiga atrair as outras nações, apesar dos gritos de oposição da França. Mesmo assim, as vantagens materiais que vem buscar serão pequenas, porque lhe faltarão as nações maiores.

O QUE NOS DIZEM DE LONDRES

PROCLAMAÇÃO da independencia do Egipto

O sultão assume o titulo de rei

"Tomo Deus e a nação por testemunha que empregarei todos os esforços para trabalhar para o bem e felicidade do meu amado país"

LONDRES, 17

Segundo telegramas recebidos do Cairo a noticia da proclamação da independencia do Egito foi recebida ontem de tarde e imediatamente comunicada ao Sultão. Este mandou uma carta ao primeiro ministro comunicando-lhe o facto e dizendo-lhe que ia assumir o titulo de rei do Egito. O sultão acrescentou: «Tomo Deus e a nação por testemunha que empregarei todos os esforços para trabalhar para o bem e felicidade do meu amado país»

O rei dará naturalmente a sua primeira audiencia no sabado, dia que será provavelmente considerado feriado nacional.

Salva de 100 tiros no Cairo, Alexandria e Port Said e de vinte e um nas capitais das provincias anunciarão a proclomação da independencia.

A parte moderada da população recebeu com satisfação a noticia da independencia. Os extremistas, comtudo, fizeram algumas manifestações quebrando candeeiros e arrancando arvores.—(R.)

O «lock-out» de 400.000 operarios

LONDRES, 17

O «lock-out» dos 400.000 mil aperarios empregados nas industrias metalurgicas é completo. Até agora nenhum esforço foi feito pelos operarios, pelos patrões ou pelo governo para provocar a renovação das negociações. Supõe-se contudo que o sr. Lloyd George espera um momento favoravel para intervir neste grave conflito que, se se prolongar, arrastará 500.000 operarios ligados ás industrias metalurgicas para a miseria.—(U. P).

D. Joana Emilia de Avelar Coutinho

FALECEU

Elizabeth de Freitas Rebelo e sua filha Armezinda, Joaquim Severino Machado de Avelar e sua esposa e filho, Julia de Avelar Coelho e seu esposo, Ramiro Martins Cardoso, sua esposa e filho participam aos seus parentes e ás pessoas das suas relações o falecimento de sua querida tia e prima, D. Joana Emilia de Avelar Coutinho e que o seu funeral se realiza amanhã, 18, pelas 12 horas, saindo o prestito da rua das Praças, 19, para o cemiterio Ocidental.

STRANGERS' CASINO
MONTE ESTORIL — Avenida Saboya (antiga Vila São José)
BAILE TODAS AS NOITES
QUINTETO ÁS 3.as, 5.as E SABADOS
TERCETO ÁS 2.as, 4.as, 6.as E DOMINGOS
DANCING-TEA ás 4.as e domingos
NOTAVEIS NUMEROS — DE — Variedades e films sensacionais
Brevemente novos atractivos

EM ARMAZEM
Serras de fita ou sem fim e de rolos.
Serras circulares.
Charriots.
Plainas combinadas, simples e de 4 faces.
Maquinas universais para carpintaria.
Maquinas de furar e rasgar madeira.
Maquinas de moldar.
Garlopas. Maquinas para afiar laminas de garlopa.
Fitas de serra e laminas circulares.
John M. Sumner & C.º
SUCESSOR
JOSÉ J. TEIXEIRA
29—Avenida da Liberdade—37
LISBOA

TELEPHONE, C. 861
JOSÉ DE PINHO COSTA & C.ª (F.º)
Especialidade em dôces e em chocolates nacionaes e estrangeiros
69, RUA DA BETESGA, 73—LISBOA

CARVÃO CARDIFF das minas do almirantado "Insole's Cymmer (Merthyr Smokeless)"
CIMENTO ALSEN
EM BARRICAS DE 180 QUILOS
SEMPRE EM ARMAZEM
Portuguese Corporation of Commerce Ltd.
Lisboa — Cais do Sodré, 64, 2.º
Telefs. C. 5092, 5093, 509
Londres — 56, Ludgate Hill

SÉDE DO "DIARIO DE LISBOA"
Rua Luz Soriano, 48

TELEFONES DO "DIARIO DE LISBOA"
Redacção—C. 3194
Administração—C. 3195

5 HORAS DA TARDE ULTIMAS NOTICIAS 5 HORAS DA TARDE

NOTICIAS DO BRASIL

Uma importante festa da Comissão da Assistencia dos Orfãos da Guerra

presidida pelo visconde Morais

RIO DE JANEIRO, 17

A comissão de Assistencia da Colonia Portuguêsa aos Orfãos da Grande Guerra, presidida pelo sr. visconde de Morais, comemorando o aniversario da sua fundação, realizou uma imponentissima festa, a que assistiram muitos elementos da colonia portuguesa e o sr. dr. Duarte Leite, embaixador de Portugal. Aproveitando a presença de tão grande numero de compatriotas, que por todas as formas mostravam o seu entusiasmo, o corpo directivo leu o balanço, pelo qual se verificou a existencia de um saldo de 2.666 contos, e esclareceu o estado em que se encontram as obras do Asilo de Coimbra, a cargo do engenheiro sr. Luís José Morais. Alguns oradores, entre eles o sr. dr. Duarte Leite, usaram da palavra, regosijando-se com a tarefa até hoje realizada pela assistencia e ainda pelo que ela significa de solidariedade humana e patriotica — (A.).

As vitimas da Murtosa

O sr. Presidente da Republica atende uma comissão de empregados do Matadouro

Esta tarde, uma comissão de empregados de carteira do Matadouro Municipal de Lisboa procurou o sr. Presidente da Republica, com quem teve uma demorada conferencia sobre a fórma do Estado tomar conta das crianças, orfãs da Murtosa, vitimas dos tufões que ali se desencadearam o mês passado.

O chefe do Estado recebeu a comissão com palavras de louvor pela sua iniciativa e lembrou-lhe a conveniencia de ela oficiar ao presidente da Camara Municipal da Murtosa e ao respectivo administrador do concelho, pedindo-lhes nota do numero das crianças que ficaram orfãos e que desejam ser internadas nos asilos de Lisboa e das que o não queiram, a fim de êle conseguir, junto do sr. ministro do Trabalho, que lhes seja arbitrada uma pensão até á maior idade.

A reorganização da G. N. R.

Conferencia importante

O general sr. Vieira da Rocha, comandante geral da guarda republicana, conferenciou hoje com o sr. presidente do ministerio, sobre assuntos relacionados com a recente reorganização daquele corpo.

A AGRIMENSURA EM MOÇAMBIQUE

Fixação dos vencimentos do seu pessoal

Foram fixados os vencimentos do pessoal dos serviços de agrimensura da provincia de Moçambique, director, sub-director, chefe da repartição, agrimensores de 1.ª, 2.ª e 3.ª classe, desenhador cartografo, desenhador litografo e ajudante, 1.° e 2.° oficiais, 1.° e 2.° aspirantes e continuo, respectivamente 5.400$, 3.780$, 2.028$, 1.560$, 1.368$, 1.400$, 1.290$, 1.260$, 840$, 1.620$, 1.380$, 900$, 780$ e 720$.

O Directorio do P. R. L.

A sessão ordinaria do Directorio do P. R. L. realiza-se ámanhã, sabado, pelas 15 horas.

Concerto Mantelli

Realiza-se depois de ámanhã, para apresentação de discipulos da distinta professora

Madame Mantelli, uma das nossas mais distintas professoras de canto, realiza na sua residencia, rua do Mundo, 84, 2.°, no proximo domingo, pelas 21 horas, um brilhante concerto para apresentação dos seus discipulos. No programa figuram aplaudidos trechos de Mozart, Tosti, Puccini, Grieg, Beethoven, Donizetti, Schumann, Massenet, Bizet, Verdi, Mascagni e Charpentier.

A TARDE PARLAMENTAR

A concessão de uma nova epoca de exames aos alunos de direito

A minoria catolica e a situação das Misericordias

A não ser que outro qualquer assunto seja posto com maior urgencia, deve terminar hoje o debate sobre a interpretação do artigo 32.° da Constituição da Republica. Relativamente ás duvidas sugeridas, ha na mesa dois projectos dos liberais, uma moção da maioria democratica e uma proposta dos reconstituintes, não metendo em linha de conta os papeis que hão de aparecer...

* * *

E' tambem possivel que comece hoje a discussão do projecto que suspende as promoções de oficiais e praças dos quadros das diferentes armas e serviços do exercito.

* * *

Ha nove oradores inscritos para quando estiverem presentes diferentes membros do governo. Para assuntos varios, que não requerem a especial atenção de qualquer das pastas, inscreveram-se seis legisladores, que desejam falar antes da ordem do dia.

* * *

O ultimo orador a falar ontem sobre o artigo 32.° da Constituição foi o sr. Almeida Ribeiro, por não estar mais ninguem inscrito para se referir ao caso em debate. Foi uma forma habil de não se passar ás votações dos documentos enviados para a mesa. Se elas se iniciam e alguem se lembra de requerer a contagem, verificar-se-hia falta de numero, o que não convinha, nem era bonito...

* * *

A's 15 o sr. Domingos Pereira toma logar na presidencia e manda fazer a chamada, a que respondem 49 deputados.

* * *

O sr. Domingos Pereira consulta a camara sobre a autorização a conceder ás varias comissões de inquerito, para reunir durante as sessões. Parlamentares dos varios agrupamentos apresentam a sua maneira de ver, resolvendo-se, por fim, encarregar o sr. presidente dessa função.

* * *

Em nome da minoria catolica, que todos os dias se utiliza de uma boa talhada do *antes da ordem*, fala o sr. Diniz da Fonseca. Preocupa-o as Misericordias e a sua secular acção beneficente. A crise que atravessam é tão grave que, ou o Estado intervem prontamente, ou elas teem de encerrar as suas portas.

* * *

O sr. Diniz da Fonseca, após varias considerações, enviou para a mesa uma proposta de lei, terminando com a desamortização dos bens das Misericordias e concedendo-lhes ainda outras facilidades. «É a unica forma—declarou—de tornar a sua situação mais respiravel!» E, pedida a urgencia e a publicação do relatorio que o acompanha, a camara, simpaticamente, aprova unanimemente,

* * *

Com a atenção do sr. ministro da Instrução, o sr. Alberto Vidal refere-se a edificios de escolas que se encontram quasi arruinados necessitando reparação urgente. Aquele membro do governo alegou a exiguidade da verba respectiva, declarando que fará tudo o que estiver ao seu alcance.

* * *

Da bancada liberal, usa da palavra o sr. Moura Pinto, que trata de regalias atribuidas ás corporações administrativas. Depois, o sr. Teofilo Carneiro, democratico, pede que a Camara autorize uma segunda epoca de exames aos alunos da Faculdade de Direito, requerendo para á sua proposta a inevitavel urgencia e dispensa de regimento.

* * *

O sr. ministro da Instrução que, em principio, é contrario a epocas sucessivas de exames, concorda no entanto com o sr. Teofilo Carneiro, esperando que o seu projecto seja o ultimo.

A lebre é levantada pelo sr. Jorge Nunes que estranha tal ligeireza de opinião do sr. dr. Augusto Nobre, que se vê tambem assediado pelo sr. Carvalho da Silva. Afinal, o sr. Antonio Correia, liberal, dá o seu apoio caloroso á proposta do sr. Carneiro, embora o sr. Jorge Nunes mais uma vez levante reparos.

* * *

O sr. Torres Garcia é absolutamente contrario a uma nova epoca de exames. Descobre nisso um objectivo interesseiro dos professores, com mira na gratificação respectiva.

* * *

Em nome da comissão de instrução publica, o sr. Sá Cardoso compromete-se a apresentar parecer dentro de vinte e quatro horas. Falam ainda os srs. Pedro Pita, Virgilio Costa, ministro da Instrução, Almeida Ribeiro e Teofilo Carneiro, sendo, por ultimo, aprovada a urgencia, rejeitada a dispensa de regimento e enviado o projecto á comissão de instrução publica, para dar o seu parecer com a maior brevidade.

* * *

Antes de encerrar a sessão o deputado sr. Virgílio Costa usará da palavra sob a situação dos oficiais presos em S. Julião da Barra e comunicará que os trabalhos do sr. dr. Alexandrino de Albuquerque foram considerados nulos, estando as autoridades militares a elaborarem os autos.

Sendo assim não se podem manter as prisões, principalmente a do sr. Cortez dos Santos, que, como parlamentar, tem direito ás imunidades constitucionais.

Nesta orientação falará o sr. Virgilio Costa, não devendo ainda hoje ser tomada qualquer resolução.

Tribunal Militar Territorial

Continuou o julgamento de dois oficiais e um sargento acusados de crimes praticados no C. E. P.

Continuou hoje o julgamento no 1.° tribunal militar, do tenente sr. Alfredo de Castro Antas, do alferes Sergio Fernandes Serra e do sargento José Candido dos Santos Mota, acusados de terem praticado varias faltas nos serviços administrativos no Q. G. da Base do C. E. P.

Depuzeram como testemunhas de defeza dos réus varios oficiais.

Em seguida iniciaram-se os debates. O promotor de justiça ó capitão sr. João Coelho Teixeira começou por dizer que em todos os julgamentos em que tem tomado parte o que mais o preocupa é o descobrimento da verdade. Afirma que o processo fornece com todo o rigor e precisão provas concludentes de que os reus cometeram o crime que lhes é imputado.

A hora a que fechamos o «Diario de Lisboa» continua o julgamento.

A' teia do tribunal reservada ao publico encontra-se repleta de oficiais do exercito, amigos e colegas dos reus.

Casa dos Vinte e Quatro

A festa do orago na segunda-feira

A Irmandado de Oficios da antiga Casa dos Vinte e Quatro, sobre a invocação do Patriarca S. José, de acôrdo com o rev.^{mo} paroco da freguesia, resolveu fazer celebrar na sua Igreja a solenidade do seu Orago, na proxima segunda-feira, 20, e pela seguinte forma:

Pelas 9 horas missa e comunhão geral, celebrada por s. ex.ª rev.^{ma} o sr. Arcebispo de Evora; A's 11 horas distribuição de esmolas aos cegos e entrevados da freguesia; A's 12 horas Exposição do S. Sacramento, e missa solene por musica vocal e instrumental e sermão, pregando s. ex.ª rev.^{ma} o sr. Arcebispo de Evora; Pelas 17,30 solene «Te-Deun», dignando-se presidir s. ex.ª rev.^{m} o sr. Arcebispo de Evora, concluindo estas solenidades com a benção do Santissimo.

A mesa espera de todos os seus irmãos e mais fieis a sua comparencia a estas festividades, de forma a que seja cada vez maior o culto prestado áquele que foi exemplo sempre vivo do trabalho e santidade, o glorioso patriarca S. José.

O CRIME DE SERRAZES

O delegado do ministerio publico fez uma acusação cerrada aos reus

As violencias da força publica

COIMBRA, 17

Recomeçou hoje o julgamento do crime de Serrazes. Nenhuma audiencia despertou tanto interesse como esta, por virtude dos debates que hoje se iniciaram. A multidão era tanta ás portas dos Paços do Concelho que a força da G. N. R. se viu impotente para manter a ordem, tendo por vezes de usar de meios violentos. A força deu varias cargas sobre a multidão em que predominava estudantes, saindo alguns ligeiramente feridos. Muitos soldados foram até á agressão brutal, o que originou muitos protestos. Nem as senhoras foram respeitadas.

Um professor de Direito da Universidade foi sacudido pelas coronhas das espingardas; era tal o rigor á entrada do tribunal que até aos proprios reus quizeram impedir a entrada mesmo após o terem declarado a sua identidade, os advogados sofreram as mesmas violencias. Já bastante tarde conseguimos entrar no tribunal que estava repleto de gente. Aberta a audiencia ás 12 horas, tomou a palavra o representante do ministerio publico, sr. dr. Almeida Ribeiro que descreveu minuciosamente todas as peripecias do crime, considerando os seus autores como autenticos criminosos.

Disse que junto deles se devia encontrar tambem a testemunha Virgilio Ferreira da Silva, que os acompanhou a S. Pedro do Sul e lhes forneceu uma pistola. Fez um largo exame ás armas e munições, reconstituindo a scena passada no solar de Malafaia, dizendo ser sua convicção que a vitima fôra atingida quando estava assentada junto á mesa do seu escritorio. Disse tambem que o réu Novais fôra um mandatario do Bettencourt. Pôz em duvida a autenticidade das declarações de D Eugenia Novais, que disse ter ido ao tribunal comprometer seu irmão e seu noivo. Vae agora ser dada a palavra ao dr. Cunha e Costa, representante da acusação particular.

Pensionistas do Estado

Reuniram hoje os pensionistas do Estado, para tomarem conhecimento da forma como o deputado sr. dr. Ribeiro de Melo atendeu a comissão encarregada de lhe pedir a sua interferencia junto dos representantes do Congresso, para aprovarem um projecto de lei melhorando a sua situação monetaria. Foi resolvido nomear uma comissão que irá na proxima terça-feira ao Parlamento pedir ao deputado sr. Ribeiro de Melo que não descure os interesses dos pensionistas do Estado.

Cantoneiros de Viana do Castelo

O deputado por Ponte de Lima, sr. Teofilo Carneiro, apresentou hoje no Ministerio do Comercio uma representação dos cantoneiros dos serviços hidraulicos da secção do distrito de Viana do Castelo no sentido da sua situação ser equiparada á dos cantoneiros das obras publicas.

ADVOGADOS
Pires do Vale
João de Vasconcelos
Luciano Barata
acções e recursos em todos os tribunais civis, comerciais, criminais e militares.
Consultas orais e escriptas desde as 11 ás 17 horas.
Rua Augusta, 129, 1.° — LISBOA

"INCOMODINE"
GRANDE especifico que energicamente e sem o minimo perigo ou inconveniente normaliza rapidamente a menstruação. Caixa 6$00, correio mais 200 réis. Farmacia J. Nobre, Rossio, 109, Lisboa.—A' venda no Porto, no Largo de S. Domingos, 42.

O "Diario de Lisboa" vende-se no Funchal no "Bureau de la Presse".